



Empresas & Negócios do AGRO

agronegocio@netjen.com.br

São Paulo, quarta-feira, 08 de julho de 2026

Aulas sobre como usar o shoyu

O shoyu, molho bastante popular no Japão e que também conquistou o paladar dos brasileiros, será um dos destaques da 27ª edição do Festival do Japão. Os visitantes poderão conhecer o shoyu de fermentação natural da marca japonesa Kikkoman. O diferencial é que ele é produzido através de um método que possui mais de 300 anos de tradição (<https://www.festivaldojapao.com/>).

JEN

Por óbvio que pareça, o trabalho no campo é diferente da atividade urbana. Formação do trabalhador, atividade laboral, deslocamentos, salários, folgas, trabalhos freelancer, condições climáticas, sazonalidades, enfim, há tantos aspectos distintos que fica difícil comparar o trabalho rural com o urbano. A Oxfam, organização da sociedade civil brasileira, sem fins lucrativos, mostra levantamento em que quase metade (45%) dos trabalhadores rurais cumprem mais de 40 horas semanais e que 23% ultrapassam o limite legal de 44 hs. "É lamentável que a discussão não seja mais organizada, porque atualmente vemos um forte viés eleitoral permeando o debate", desabafou André Aidar, doutor em agronegócio e especialista em análise econômica do direito (Universidade de Lisboa), em entrevista ao Suplemento Agro. ▶▶ Leia mais na página 7

TRABALHO RURAL VERSUS URBANO



ESCALA 6X1 PRECISA SER FLEXÍVEL E TER ABORDAGEM DIFERENTE NO CAMPO

SIAVS 2026

Em menos de um mês, São Paulo será o principal ponto de encontro da cadeia global de proteína animal. Entre os dias 4 e 6 de agosto, o Distrito Anhembi receberá o Salão Internacional de Proteína Animal (SIAVS), promovido pela Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), em sua maior edição já realizada.

Com 45 mil metros quadrados de exposição e crescimento de 65% em relação à última edição, o evento deve reunir mais de 31 mil visitantes e empresas de mais de 60 países.

Com um formato inovador na feira de negócios, o SIAVS integra, em um único ambiente, todos os elos das cadeias de aves, ovinos, suínos, bovinos e outras proteínas, além de fornecedores de genética, nutrição, saúde animal, equipamentos, tecnologia, logística e automação.

No total, serão 100 agroindústrias com estandes próprios e participações por meio do projeto setorial com a Agência Brasileira de Promoção de Exportação e Investimentos (ApexBrasil).

Bastante conhecido pela sua programação técnica de alto nível, o encontro abordará temas focados nos principais desafios e tendências dos setores, colocando no centro dos debates tópicos como biossegurança, influenza aviária, inteligência artificial, sustentabilidade, comércio internacional e inovação (<https://siavs.com.br/>).

Os impactos silenciosos da pleuropneumonia suína

FootToo_CANVA



Em sistemas produtivos cada vez mais eficientes, nos quais pequenas variações de desempenho têm impacto direto no resultado econômico, a saúde respiratória dos suínos ocupa papel estratégico. Entre os desafios mais relevantes está a pleuropneumonia suína, causada pela bactéria *Actinobacillus pleuropneumoniae* (App), uma enfermidade que pode se manifestar de forma aguda, com sinais clínicos evidentes, mas que também pode provocar perdas silenciosas ao longo do ciclo produtivo.

O grande desafio da doença está justamente nessa dupla característica. Nos quadros agudos, a pleuropneumonia costuma chamar atenção rapidamente, com dificuldade respiratória, queda brusca de desempenho e, em situações mais severas, mortalidade. Já nas formas crônicas ou subclínicas, o impacto é menos evidente. O animal pode não apresentar sinais claros no manejo diário, mas o comprometimento pulmonar reduz sua capacidade de expressar desempenho, afetando ganho de peso, conversão alimentar e uniformidade do lote.

Do ponto de vista fisiopatológico, parte desse impacto está relacionada à ação das toxinas Apx, importantes fatores de virulência do App. Elas participam do dano ao tecido pulmonar, favorecendo inflamação, hemorragia e áreas de

necrose. Com o pulmão lesionado, o organismo precisa direcionar energia para reparar ao desafio sanitário e reparar tecidos, reduzindo a eficiência com que os nutrientes são convertidos em crescimento. Na prática, o prejuízo aparece não apenas nos animais clinicamente doentes, mas também em lotes que crescem abaixo do esperado.

Outro fator que amplia o desafio é a diversidade do agente. Existem diferentes sorotipos de *Actinobacillus pleuropneumoniae*, e mais de um pode circular simultaneamente em uma mesma granja. Isso significa que o cenário sanitário pode mudar ao longo do tempo, exigindo acompanhamento contínuo. Atribuir os problemas respiratórios sempre ao mesmo histórico, sem atualização diagnóstica, pode levar a decisões menos precisas e a estratégias de controle insuficientes.

A persistência do agente no plantel também merece atenção. Animais recuperados de quadros agudos ou portadores de formas crônicas podem contribuir para a manutenção da bactéria no sistema produtivo, favorecendo a reconstrução do desafio respiratório. Por isso, lesões como pleurites e aderências pulmonares observadas no frigorífico são importantes indicadores de que a doença pode ter atuado ao longo do ciclo, mesmo quando os sinais clínicos não foram evidentes na granja.

El Niño acende alerta para a cadeia logística do agronegócio

O agronegócio brasileiro entra no segundo semestre de 2026 em estado de alerta. Confirmado oficialmente pela NOAA, o El Niño chegará com 63% de probabilidade de atingir intensidade forte ou muito forte entre novembro de 2026 e janeiro de 2027 - janela crítica que coincide com o plantio e o desenvolvimento das principais culturas de verão, incluindo soja e milho. O impacto previsto é que ultrapasse as lavouras: a logística e a infraestrutura de armazenagem que operam em toda a cadeia produtiva também devem sentir os efeitos diretamente.

Quando o regime de chuvas se altera, o calendário agrícola se desorganiza e, com ele, o fluxo de insumos, movimentação portuária e a demanda por estocagem emergencial. Encantes no Sul isolam regiões produtoras e encarecem o frete, assim como a seca nos rios da bacia amazônica trava o transporte hidroviário essencial para levar a produção aos portos de exportação.

"O El Niño impacta a lavoura e reorganiza toda a logística do agronegócio. Quando o escoamento para e os insumos precisam ser estocados com urgência, a procura por soluções flexíveis de armazenagem cresce de forma imediata", afirma Sergio Gallucci, Diretor Comercial e de Marketing da Tópico.

Destaque I

Divulgação/Gincana do Caminhoneiro 2026



Gincana do Caminhoneiro 2026 chega à Região Nordeste com etapa em São Luís

Depois de passar pelo Sul e pelo Centro-Oeste do Brasil, a Gincana do Caminhoneiro 2026 desembarca agora na Região Nordeste. A terceira etapa da competição acontece entre os dias 24 e 26 de julho, no Posto Maracanã, em São Luís (MA), cidade que desempenha papel estratégico para o transporte rodoviário de cargas e abriga um dos principais complexos portuários do país. Responsável por conectar as rodovias aos terminais que escoam parte significativa da produção nacional para o mercado externo, São Luís recebe diariamente caminhões vindos de diversas regiões do Brasil. A forte movimentação de veículos pesados e a importância da cidade para a logística nacional fazem da capital maranhense um cenário ideal para mais uma etapa da Gincana. As inscrições são gratuitas e feitas no local.

Destaque II

Gerhard Waller



Simposio de Saúde do solo reúne referências nacionais e internacionais

A saúde do solo deixou de ser apenas um conceito ligado à conservação ambiental para se tornar um dos principais pilares da competitividade da agricultura brasileira. A crescente necessidade de produzir mais em áreas já consolidadas, reduzir custos e aumentar a resiliência das lavouras diante das mudanças climáticas, será discutida por especialistas do Brasil e do exterior que estarão reunidos em Goiânia (GO), nos dias 5 e 6 de agosto, durante o Simposio Brasileiro de Saúde do Solo. Promovido pela Agroadvance, o evento reunirá pesquisadores, professores, consultores, produtores rurais e profissionais do setor para discutir as bases científicas e as aplicações práticas da saúde do solo em sistemas agrícolas tropicais. A programação contempla desde conceitos fundamentais até tecnologias, indicadores biológicos, fertilidade, física do solo, microbiologia e experiências de campo que demonstram os ganhos econômicos e agronômicos proporcionados por práticas regenerativas (<https://agroadvance.com.br/simposio-brasileiro-de-saude-do-solo>).

Seguros rurais devem ganhar protagonismo neste semestre

A combinação entre eventos climáticos extremos, oscilações do mercado agrícola e o aumento da exigência por segurança nas operações financeiras deve colocar o seguro rural entre os principais instrumentos de gestão do agronegócio no segundo semestre de 2026. Mais do que uma proteção contra perdas, especialistas afirmam que o seguro tende a assumir papel estratégico na sustentabilidade econômica das propriedades e na segurança jurídica das relações entre produtores, bancos, cooperativas e seguradoras. Para os advogados Ricardo Dosso e Ana Franco Toledo, sócios do escritório Dosso Toledo Advogados, a crescente profissionalização do agronegócio faz com que o seguro rural deixe de ser visto apenas como um custo e passe a representar um investimento na continuidade da atividade produtiva.

Sindirações divulga a agenda de cursos que serão realizados em julho

O Sindicato Nacional da Indústria de Alimentação Animal (Sindirações) anuncia os cursos programados para julho de 2026. São sete treinamentos técnicos, seis em formato online ao vivo e um presencial, voltados a profissionais das áreas de produção, controle de qualidade, assuntos regulatórios e laboratório da indústria de alimentação animal. A programação abrange temas de alta relevância para a conformidade regulatória e a excelência técnica do setor: Segurança de Alimentos, HACCP, Boas Práticas de Fabricação, Norma FAMI-QS, Medicamentos na Alimentação Animal e Métodos Analíticos. As vagas são limitadas a 15 participantes por turma e as inscrições já estão abertas (sindiracoes.org.br/cursos).

Segurança do colaborador no setor agro

A Bracol, referência nacional em calçados de segurança e EPIs, lança a linha Ecoboots PRO, desenvolvida especialmente para oferecer mais conforto e proteção microbiológica aos trabalhadores do setor. Produzidas integralmente em poliuretano (PU), elas são leves, duráveis e ideais para ambientes com elevados padrões de segurança.

Dados da pecuária de corte ganham valor estratégico com o uso da IA

Xisto Alves é CEO da JetBov

OPINIÃO

O Brasil já alimenta o mundo. O próximo desafio é agregar valor ao que produz

Henrique Galvani (*)

O agronegócio brasileiro vive um momento histórico.

No primeiro trimestre de 2026, o setor alcançou US\$ 38 bilhões em exportações e superávit de US\$ 33 bilhões, segundo o Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa), consolidando mais uma vez sua posição entre os principais motores da economia nacional. Novamente, o Brasil mostrou ao mundo sua capacidade de produzir em escala, com competitividade e relevância global.

Mas talvez o dado mais estratégico esteja menos no recorde e mais na sua composição: no mesmo período, o volume exportado pelo agro brasileiro cresceu 3,8%, enquanto o preço médio caiu 2,8%. Em outras palavras, seguimos vendendo muito, mas nem sempre capturando proporcionalmente mais valor.

Esse é o ponto central da discussão. O Brasil já venceu o desafio da produção. Temos tecnologia tropical, escala, solos produtivos, produtores altamente eficientes e uma cadeia que se profissionalizou muito nas últimas décadas. O próximo desafio é outro: agregar valor ao que produzimos.

Durante muito tempo, a grande missão do agro brasileiro foi aumentar a oferta de alimentos. E fizemos isso com enorme competência. O país se tornou protagonista global na soja, nas carnes, no café, no açúcar, no milho, no algodão e em tantos outros segmentos. Mas o futuro do agro não será definido apenas por quem produz mais. Será definido por quem consegue produzir melhor, perder menos, processar mais, rastrear com mais precisão, certificar com credibilidade, construir marcas, acessar consumidores e transformar sustentabilidade em vantagem competitiva.

Essa discussão ganha relevância porque o problema deixou de ser apenas aumentar a oferta de alimentos. A Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) alerta que o mundo praticamente não avançou na redução das perdas de alimentos desde o início do monitoramento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), mantendo distante a meta de reduzir o desperdício pela metade até 2030. Em outras palavras, produzir mais já não basta. É preciso aproveitar melhor o que já produzimos.

Esse ponto deveria estar no centro da estratégia do agro brasileiro. Reduzir perdas logísticas, melhorar armazenagem, ampliar processamento, desenvolver embalagens inteligentes, usar dados para gestão de risco, rastrear cadeias, certificar práticas sustentáveis e aproximar o produtor do consumidor são caminhos concretos para aumentar a eficiência e capturar mais valor.

Precisamos urgentemente agregar valor ao que é produzido internamente

Quando olhamos para países menores, a lição fica evidente. A Holanda, por exemplo, não construiu sua relevância agroalimentar global apenas com escala territorial. O país investiu em tecnologia, logística, processamento, pesquisa, estufas, genética, alimentos preparados, equipamentos e marcas. É um exemplo claro de que a liderança no agro não depende apenas de produzir muito em muitas áreas, mas de transformar produção em valor.

Essa comparação não deve ser vista como uma crítica ao Brasil, mas como uma inspiração estratégica. Temos algo que poucos países têm: escala produtiva, biodiversidade, clima, água, em-

preendedorismo rural e uma nova geração de empresas desenvolvendo soluções para os gargalos do campo. Se combinarmos esses ativos com tecnologia, capital e visão de longo prazo, podemos deixar de ser apenas grandes fornecedores de matéria-prima para nos tornarmos protagonistas em soluções agroalimentares.

Oportunidade para acelerar a inovação no agro

É aqui que as agtechs e foodtechs assumem um papel cada vez mais estratégico. Elas são parte essencial dessa nova fase do agro brasileiro. São empresas capazes de desenvolver soluções para eficiência operacional, crédito, seguro, rastreabilidade, bioinsumos, agricultura regenerativa, redução de desperdício, novos alimentos, inteligência de mercado, logística, carbono e conexão direta entre produtores, indústrias e consumidores.

O produtor rural brasileiro já mostrou que sabe adotar tecnologia quando ela resolve problemas reais. Agora, o desafio é criar um ecossistema que permita que essas soluções ganhem escala. Isso exige capital, governança, conexão com grandes empresas, acesso a mercado e uma agenda regulatória que favoreça a inovação sem perder segurança.

Também exige uma mudança de mentalidade. O agro brasileiro não pode aceitar que a maior parte da margem fique fora da porteira, fora da indústria nacional ou fora do país. Exportar soja, café, carne, frutas e açúcar continuará sendo importante. Mas precisamos fazer uma pergunta mais ambiciosa: quanto valor adicional podemos capturar se exportarmos também ingredientes, alimentos processados, marcas, tecnologia, dados, certificações, bioinsumos, máquinas, genética, plataformas e soluções climáticas?

O debate público sobre o agro ainda está muito concentrado em safra, produtividade e exportações. Esses indicadores continuam fundamentais, mas já não explicam sozinhos a competitividade do setor. Investidores, consumidores e compradores internacionais observam cada vez mais como os alimentos são produzidos, quanto se perde ao longo da cadeia, quais tecnologias estão sendo utilizadas e qual impacto ambiental e social está associado à produção.

O Brasil reúne condições únicas para liderar essa agenda. Temos escala, conhecimento técnico, produtores eficientes, empresas inovadoras e um ecossistema crescente de agtechs e foodtechs. O que precisamos agora é transformar essa combinação em uma nova narrativa econômica para o país.

Ser um dos maiores produtores e exportadores de alimentos do mundo continuará sendo motivo de orgulho. Mas, daqui para frente, isso será apenas parte da história. A liderança do agro brasileiro dependerá, cada vez mais, da capacidade de mostrar ao mercado global que produtividade, inovação e sustentabilidade podem caminhar juntas.

O Brasil já alimenta o mundo. Agora, precisa liderar uma nova etapa: produzir com inteligência, transformar com eficiência e vender com mais valor. A próxima década do agro brasileiro não será apenas sobre produzir mais. Será sobre capturar mais valor por tonelada, por hectare, por tecnologia, por marca e por impacto positivo gerado.

O Brasil já é uma potência agropecuária. O próximo passo é se tornar uma potência agroindustrial, tecnológica e sustentável.

(*) CEO da Arara Seed.

Escala 6x1 precisa ser flexível e ter abordagem diferente no campo

A PEC que trata do tema pode implicar em aumento de produtos e impostos

Mark_Stebnicki_de_Pexels_CANVA



Redação

“Hoje há escassez de mão de obra no campo, inclusive com o folguista, portanto se você dispensa o ‘peão’ por dois dias na semana vai ter de contratar mais um. Há pequenas propriedades que só têm um peão trabalhando.”

Por óbvio que pareça, o trabalho no campo é diferente da atividade urbana. Formação do trabalhador, atividade laboral, deslocamentos, salários, folgas, trabalhos *freelancer*, condições climáticas, sazonalidades, enfim, há tantos aspectos distintos que fica difícil comparar o trabalho rural com o urbano. A Oxfam, organização da sociedade civil brasileira, sem fins lucrativos, mostra levantamento em que quase metade (45%) dos trabalhadores rurais cumprem mais de 40 horas semanais e que 23% ultrapassam o limite legal de 44 hs. “É lamentável que a discussão não seja mais organizada, porque atualmente vemos um forte viés eleitoral permeando o debate”, desabafou André Aidar, doutor em agronegócio e especialista em análise econômica do direito (Universidade de Lisboa), em entrevista ao Suplemento Agro.

A discussão, que ocupa um espaço razoável nas mídias sociais sobre o fim



André Aidar

da escala 6x1, acabou sendo contaminada pelo período eleitoral. Não é raro pessoas e entidades deliberadamente de direita temerem o caos e as de esquerda tomarem o aumento do descanso como música para os ouvidos. E, pasmem, ainda temos uma espécie de “terceira via”, que está em uma dessas trincheiras mas não fala nada, mantém o silêncio para não dispensar os seus potenciais eleitores. “Isso tira a clareza e só dificulta o debate”, comenta Aidar.

Ele, que também é especialista em direito empresarial pela FGV, lembra que vários outros países já resolveram a questão. “Se compararmos as principais economias do mundo, o Brasil tem jornada das mais longas e a discussão teria de ocorrer em algum momento”. Por conta deste momento vivido (candidatos ao Executivo e ao Legislativo já em pré-campanha), o advogado é de opinião que estamos perdendo a chance de estabelecer uma jornada no campo, contemplando as suas necessidades.

As sazonalidades e a dependência do clima, por exemplo, são fatores que pedem a negociação mais flexível de per si. “É preciso termos contratos específicos”, reitera o doutor em agronegócio. E com-

pleta: “Hoje há escassez de mão de obra no campo, inclusive com o folguista, portanto se você dispensa o ‘peão’ por dois dias na semana vai ter de contratar mais um. Há pequenas propriedades que só têm um peão trabalhando. O dono, muitas vezes, trabalha na cidade. É comum se ver isto com produtores de leite. Agora, se este pequeno tiver de contratar mais gente, pode inviabilizar a atividade dele”, frisa o especialista, acrescentando: “Já o grande produtor, com mais estrutura e gestão operacional melhor, contrata mais gente, mas... é certo que vai repassar o preço, ou vai espremer o governo por subsídio que, na outra ponta, vai aparecer em termos de custos. Elevando-se o custo da cesta básica, por exemplo, mexe com toda a cadeia produtiva e o consumidor, pois incidirá em mais impostos em algum elo”.

Tendo como área temática justiça rural e desenvolvimento, a Oxfam Brasil argumenta, no levantamento divulgado em abril último, que a rotina no campo “é marcada por escalas intensas e, muitas vezes, sem descanso semanal”. A escala 6x1 — seis dias de trabalho para um de folga — aparece como a mais frequente entre os assalariados rurais, especialmente nos períodos de maior demanda, como plantio e colheita. E destaca: “Relatos coletados indicam jornadas contínuas, em que trabalhadores chegam a atuar dias seguidos sem pausa, evidenciando o descompasso entre legislação e realidade”.

Como se nota, a situação não parece confortável para ninguém. O momento é delicado, admite o professor (PUC-Goiás) e *head* de Direito do Agronegócio do escritório Lara Martins Advogados. Depois de citar que existe uma forte preocupação com a segurança jurídica e a tributária, Aidar propõe flexibilização nas conversas e nos novos contratos, porque “não dá para tratar o trabalhador urbano e o rural da mesma forma”.

Sucessão familiar no agronegócio ganha urgência

O envelhecimento dos produtores rurais e a crescente profissionalização do agronegócio brasileiro têm colocado a sucessão familiar entre os principais desafios do setor. Embora seja um tema frequentemente adiado, especialistas afirmam que o planejamento sucessório deixou de ser apenas uma preocupação patrimonial para se tornar uma estratégia essencial de continuidade dos negócios rurais.

Segundo dados do Censo Agropecuário do IBGE, a idade média dos produtores rurais brasileiros vem aumentando, enquanto muitos herdeiros buscam carreiras fora do campo. Ao mesmo tempo, propriedades rurais tornaram-se empreendimentos cada vez mais complexos, envolvendo gestão financeira, tecnologia, governança, contratos e planejamento tributário.

Para o advogado Ricardo Dosso, sócio do escritório Dosso Toledo Advogados, essa transformação exige que as famílias passem a discutir o futuro dos negócios antes que surjam conflitos.

“A sucessão familiar não começa com a abertura do inventário. Ela deve ser construída ainda em vida, com planejamento, diálogo e organização jurídica. Quando esse processo é bem estruturado, a família preserva o patrimônio, evita disputas e garante a continuidade da atividade rural.”

Segundo ele, um dos maiores riscos é acre-

ditar que todos os herdeiros terão os mesmos interesses ou estarão preparados para administrar a propriedade.

“Hoje o agronegócio funciona como uma empresa. Existem decisões estratégicas, investimentos elevados e responsabilidades que exigem preparo. O planejamento sucessório permite definir funções, organizar a gestão e estabelecer regras claras para que o negócio continue crescendo, independentemente da mudança de geração.”

A advogada Ana Franco Toledo, também sócia do escritório, destaca que o planejamento sucessório vai muito além da divisão dos bens.

“Muitas famílias associam sucessão apenas à herança, quando, na verdade, estamos falando de governança, continuidade do negócio e proteção do patrimônio. Existem instrumentos jurídicos capazes de organizar essa transição de forma segura, respeitando a vontade da família e reduzindo custos e conflitos futuros.”

Ela explica que estruturas como holdings familiares, acordos societários, protocolos familiares e testamentos podem ser utilizadas de forma estratégica, sempre de acordo com as características de cada propriedade e da dinâmica familiar.

“Cada família possui uma realidade diferente. Há casos em que apenas um dos filhos permanece na atividade rural, enquanto os demais seguem outras

profissões. O planejamento jurídico permite encontrar soluções equilibradas, preservando tanto o patrimônio quanto a harmonia familiar.”

Outro fator que reforça a necessidade de antecipar esse processo é a profissionalização do agronegócio. Com propriedades cada vez mais tecnificadas, aumento da mecanização, crescimento das exportações e maior acesso ao crédito, a gestão eficiente tornou-se indispensável para manter a competitividade.

Para Ricardo Dosso, a sucessão bem planejada também transmite segurança a instituições financeiras, fornecedores e parceiros comerciais.

“Empresas e produtores que demonstram organização sucessória passam maior credibilidade ao mercado. Isso fortalece as relações comerciais, facilita negociações e reduz incertezas sobre a continuidade do negócio.”

Ana Franco Toledo acrescenta que adiar o planejamento costuma tornar o processo mais complexo e oneroso.

“Quando não existe organização prévia, o patrimônio pode ficar sujeito a longos inventários, disputas judiciais e dificuldades na administração da propriedade justamente em um momento delicado para a família. Antecipar essas decisões significa proteger não apenas os bens, mas também o legado construído ao longo de gerações.”